



GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. ISBN: 978-85-326-2334-8

Fernando Cardoso Bertoldo

Mestre em Teologia pela PUCRS (2017)

Doutorando em Teologia pela Faculdades EST (início 2017). Bolsista CAPES.

Email: nandobertoldo@hotmail.com

A autora do livro é Ivone Gebara, nascida no dia 09 de dezembro de 1944, na cidade de São Paulo. Sua família é descendente de imigrantes sírios e libaneses. Possui duas irmãs e três sobrinhos. Desde 1967, pertence a Congregação das irmãs de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho. Seu currículo é bem complexo, tem doutorado em Filosofia (Pontifícia Universidade de São Paulo) e em Ciências Religiosas (Universidade Católica de Louvain). Foi professora do Instituto de Teologia do Recife por 17 anos, até o seu fechamento em 1989. Trabalhou no DEPA, equipe interdisciplinar que, a pedido de Dom Hélder Câmara, realizava a formação de agentes de pastoral para o meio popular. Hoje é professora convidada em diferentes universidades e grupos. Trabalhou e lecionou muitos anos na linha da Teologia da Libertação. Desde 1980, encontrou-se com o feminismo e tem trabalhado nessa mesma perspectiva até os dias de hoje.

Escreveu muitos livros, assim como artigos. A editora Vozes publicou os livros: *A mulher faz Teologia* (1981) e *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres* (1987). De igual forma, as revistas *Cultura Vozes* e *Concilium* têm publicado alguns artigos da escritora. Segundo a autora do livro, percebemos que seu objetivo, nessa perspectiva sobre o “Deus para as Mulheres”, é dar um espaço para que as mulheres possam se posicionar, se mostrar, falar, mostrar sua importância, suas dores, seus sofrimentos em nossa sociedade. Faz um comparativo na história e oferece exemplos, para, assim, realizarmos uma reflexão pessoal e teológica sobre a relação de Deus com as mulheres, principalmente as que estão em sofrimento.

No livro resenhado, é trabalhado o versículo de Salmos “Meu Deus, por que me abandonaste?”. Lendo este versículo, podemos encaixá-los em muitos aspectos. Contudo, é tomado pela autora na perspectiva das mulheres, que em sofrimento, dor, aflição se fazem essas perguntas. A escritora propõe quatro pontos para o desenvolvimento da reflexão: Deus e o cotidiano da miséria (uma reflexão sobre as mulheres pobres e sua relação com Deus); Deus e o seu rosto barroco (ligação com a Irmã Joana Inês da Cruz); Deus na ausência de Deus (experiência vivida por Isabel Allende e seu livro *Paula*) e Deus em tecido e na trama da vida (debate com as correntes teológicas feministas).

Aqui podemos ter uma clara certeza do sofrimento que as mulheres experimentam, por viver em uma sociedade na qual são atingidas por muitos preconceitos, são proibidas de se expor, de ter uma vida digna, possuem uma vida doméstica com inúmeros desafios.



Com isso, as mulheres que se encontram nessa situação buscam Deus, pedem a Ele um conforto. Buscam a Ele, não para conseguir algo, uma vitória, mas, sim, quando estão com seus filhos doentes, quando estão com alguma situação de conflito e dor em seu lar doméstico, quando há uma aflição em seu coração ou quando falta alimento em sua mesa. Contudo, é sabido que não podemos deixar de lado que este Deus também é a imagem da mulher que pede por uma ajuda, pois está com elas nas situações diárias. É assim que podemos perceber que existe sempre Deus do lado de pessoas frágeis e, principalmente, com as mulheres que a todo o momento pedem por socorro.

No segundo ponto, percebemos a relação com a experiência da Irmã Joana Inês da Cruz, a qual faz referência a Deus com suas próprias experiências pessoais. Por meio de seus poemas, ela expressa um pouco da sua relação com Deus, fazendo, assim, alusões a dores e questões amorosas, reflexão sobre a fé e, até mesmo, sobre uma dimensão erótica. Seus poemas eram escritos e inspirados em âmbito e estilo barroco. Ela encontrava na arte literária um meio de expressão de seus sentimentos, sofrimentos e também suas implicações com Deus.

Dessa forma, ela deixa para todas as mulheres um sentimento e um desejo por liberdade de expressão, nos convidando para que, junto de Deus, possamos fazer uma reflexão sobre nosso corpo, nossos sofrimentos e, principalmente, do ser Mulher em nossa sociedade, sem deixar de lado a nossa história.

Em um terceiro ponto, é trazida a história de Isabel Allende, a qual pede silenciosamente por socorro pela vida de sua filha Paula. E com isso faz uma reflexão teológica, colocando Deus no centro da discussão, buscando entender o sentido e também os fatos que acontecem em nossas vidas. É claro no texto que, mediante muitas vezes a ausência ou afastamento de Deus em sua vida, ela recorre a todos/as que dizem Deus ou a forças da natureza, sempre com o intuito de salvar a filha. Em meio ao desespero que Isabel se encontra vendo sua filha morrer, ela começa a expandir seu leque religioso, pois o que ela clamava era para que salvassem a sua filha, queria algo que preenchesse o vazio (sofrimento) que ardia em seu peito.

Por fim, o quarto ponto nos faz alusão a questão teológica junto ao feminismo e à questão de gênero. Nesse contexto, percebemos que a relação de homem e mulher em questões socioculturais está ligada a Deus. Podemos perceber que possui questões relacionadas com a história, o passado de cada ser humano e também pelas questões culturais. Evidencia-se que há uma nova compreensão e um novo jeito de pensar, fazendo, assim, a teologia feminista. Todavia, percebe-se que é raro encontrar em discursos menção sobre as mulheres, o seu sofrimento e as violências que sofrem, apesar de, na bíblia, se encontrar relatos nesse sentido. O feminismo busca mostrar e dizer que Deus é Deus e que não é preciso, por isso, mostrar a paternidade ou maternidade (p.223), pois, em nosso meio, há um discurso ou modelo que foi construído de Deus, o qual nos foi imposto e ensinado e o qual sabemos que não é fácil desconstruir.

No texto, nos é deixado claro que o objetivo é olhar com um outro viés sobre a questão de gênero, o Deus como uma figura masculina. Evidente que esse pensar nos gera uma série de discussões entre teólogos e pessoas leigas, pois como referi acima são questões históricas. Neste texto, me deparei com muitos pontos relevantes em nossa sociedade e concordo plenamente com as questões que foram apresentadas.



Em um primeiro momento, estou de acordo com a autora sobre a mulher em nosso meio, pois é nítido que essas sofrem muito e que sempre acabam sofrendo caladas. Contudo, creio que esse sofrimento foi maior no passado, pois atualmente se possui mais liberdade de expressão. Não que não haja sofrimento, mas vejo que se tem mais liberdade para chegar junto a Deus e pedir socorro. Deus é visto não mais como um algo severo e, sim, um Deus que acolhe, ampara, conforta quando preciso e que, mesmo com nossas dores silenciosas, nos entende.

Somos influenciados e também encorajados com exemplos de mulheres que lutaram pelos nossos direitos e se mostraram fortes perante situações. A teologia feminista não fica de lado, pois é através dela que nos é mostrada uma relação justa e mais igualitária entre homens e mulheres e que nos permite desmistificar Deus como uma figura totalmente masculina.

Vivemos em uma sociedade que ainda é muito machista. Quero fazer um comentário sobre o papel da mulher em nosso meio. Sabemos o quão difícil é para uma mulher ter direito a palavra, o quão difícil é para ela ser olhada como um ser humano igual ao homem e, querendo ou não, a sociedade carrega essa situação consigo desde muito tempo. Não podemos deixar de lado que há, dentro de nossas igrejas, casos em que mulheres são vistas como seres totalmente frágeis, incapazes de realizar algo. Por outro lado, é de suma importância que elas tenham conhecimento de que, na Bíblia, há muitas mulheres que possuem uma importância enorme e que Deus não distingue uma mulher que tem sofrimento, que chora, que pede por ajuda, de outra mulher ou homem que não faz isso. Muito pelo contrário! Ele está com elas, sim. Elas podem pedir socorro por Ele.

Ele não faz distinção de nenhum credo, gênero, etnia, um ser humano puro ou impuro, pois Ele nos ama e aceita como nós somos. E temos a certeza de que mediante a Fé todos e todas são acolhidos e acolhidas.

Recebido em: 18/01/2019

Aprovado em: 04/04/2019